

Si de Si

Sábado, 9 de Junho de 1956

RUBEM BRAGA

A MÔÇA

L IAMOS juntos um poema de Vinicius de Moraes. Esbaraste da palavra «báratro» e pronunciaste «barátro», perguntando: «o que é?». Eu corriji tua pronúncia, mas não soube explicar o sentido exato: «é alguma coisa como oceano ou labirinto... Vamos ver no dicionário».

Era abismo, precipício, inferno. E rimos muito.

Depois eu te ensinei a teoria de dormir na rede, e te emprestei a palavra «ruivas» para ficar no teu poema no lugar de «fulvas». (Tratava-se de formigas).

Então eu te levei do Arpoador e subimos até o alto. E te ofereci num gesto largo todo o oceano com suas ilhas e todo o céu com seus ventos; porém, estavas triste; digna e triste como olvidada princesa belga.

E me disseste: «sou o anjo duvidoso». E eu disse: «que é o anjo não tenho dúvida alguma, está na cara; mas duvidoso, talvez».

Bebias muita água; e trincavas nos dentes a pastilha da felicidade, invenção americana. Eu recusei: «não; é verdade que estou meio triste, mas não tem importância, é uma tristezinha maneira; vou tocando assim mesmo».

E fomos tocando pela tarde e pela noite, de um lado e outro, como se estivéssemos procurando uma pessoa amiga, uma pessoa que procurávamos há tanto tempo que já havíamos esquecido quem era mesmo. E não tinha importância. De repente ficaste mais minha amiga e me contactaste coisas amargas. Eu mirei tua boca, teus olhos e tua testa com um profundo respeito.